

A
RETERRITORIALIZAÇÃO
DA MARCHINHA:
O CARNAVAL
“CAIPIRA” DE
SÃO LUÍS DO
PARAITINGA

[ARTIGO]

Antonio Carlos M. Guimarães
Paulo Roxo Barja

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

Desde a composição “Ó Abre Alas”, de Chiquinha Gonzaga, há mais de 100 anos as marchinhas são presença maciça no carnaval em todo o Brasil, tanto nos salões como na rua. No presente trabalho avaliamos possíveis explicações para a prevalência das marchinhas no carnaval brasileiro, enfocando a produção carioca (berço por excelência da marchinha) e o festival de marchinhas de São Luiz do Paraitinga, no interior de SP.

Palavras-chaves: Marchinha carnavalesca. Indústria cultural. Reterritorialização.

This paper aims to understand the mythological discourse presented in the foundation of Brasilia by analyzing the 20th edition of the “Cinejornal Brasilia”. It also shows how the capital integration plan was organized, the mythical aspect assigned to the project design, and the creation of newsreels in the Juscelino Kubitschek’s mandate. The method of investigation was speech analytics, according to the studies of Milton José Pinto (2002).

Keywords: Carnival music. Cultural industry. Reterritorialization.

Desde La composición “Ó Abre Alas”, de Chiquiña Gonzaga, Hace más de 100 años las marchas carnavalescas están presentes de > forma masiva en el carnaval de todo Brasil, Tanto em los salones de baile como en la calle, En este presente trabajo vamos evaluamos posibles explicaciones para la prevalência de las Marchas en el carnaval Brasileño, destacando la producción carioca (la cuna de la excelência de marchas carnavalescas) y el festival de Marchas de São Luis do Paraitinga, en el interior del estado de São Paulo.

Palabras clave: Música carnavalesca. Industria cultural. Reterritorialización.

INTRODUÇÃO

A Marchinha, como muito de nossa música popular, é contemporânea dos modernos meios de comunicação de massa. “Ó Abre Alas” de Chiquinha Gonzaga - considerada a primeira marchinha carnavalesca brasileira e sucesso absoluto por mais de 10 anos no carnaval brasileiro, data de 1899 - apenas 3 anos antes da gravação do primeiro disco no Brasil, em 1902. Refletindo esta quase simultaneidade, os gêneros do cancionário popular brasileiro puderam se difundir para muito além de seu ambiente de origem, chegando aos mais distantes pontos do país pelo disco, pelas ondas do rádio e, mais modernamente, pela televisão. Desde então, nosso carnaval tem sido marcado anualmente pela presença abundante de marchinhas, tanto antigas quanto novas.

A Marchinha apresenta algumas particularidades que justificam sua abordagem como manifestação única de nossa cultura. A grande diversidade dos temas de suas letras não impede a unidade do conjunto no que diz respeito às suas características básicas. Nisto difere do Samba, por exemplo. Ao longo de sua história, este gênero tem conhecido diversos processos de mudança, tributários dos locais por onde circula, do público a que se dirige, a maior ou menor incorporação de informações advindas de outros gêneros musicais. O Samba comporta, inclusive, uma diferença entre o que é feito para o carnaval e o chamado “Samba de meio de ano”.

“Mamãe Eu Quero”, parceria de Jararaca e Vicente Paiva lançada em 1937, uma das marchinhas mais executadas nos bailes carnavalescos dos anos 30, também o é ainda hoje. Perenes, as marchinhas resistem ao tempo, transmitindo-se entre gerações e lugares. Além disso, a Marchinha circula pelos mais diferentes contextos, sempre exibindo características de ironia e crítica a nossos costumes políticos e sociais.

Esta desterritorialização da Marchinha, que permite sua inscrição em diferentes contextos como se dali sempre tivesse sido, é o mote para o presente trabalho. Nossa indagação: como um gênero com origem nos salões e cordões cariocas chega a São Luís do Paraitinga e se vincula tão fortemente ao novo território, a ponto de se tornar um elemento importante na construção e afirmação da identidade local? ■

2. AS MARCHINHAS: CARIOCAS E BRASILEIRAS

A marcha carnavalesca, que se tornou música de dança, espevitada, maliciosa e brejeira, é excepcionalmente nossa música alegre. Também semi-erudita, também carioca, iniciou-se com os cordões e os ranchos carnavalescos... Depois a marcha se transformou (...) na que é, com o samba, a nossa música predileta de salão (...) (Casculo, 1988)

As marchinhas tiveram seu auge a partir de meados dos anos 20 e até o final dos anos 50. Segundo Severiano e Mello, nos anos 20, “o fato mais importante que acontece à nossa música popular é o advento do samba e da marchinha, iniciando o ciclo da canção carnavalesca” (Severiano e Mello, 1997: 49). Data desta época o sucesso das diversas marchinhas compostas por Freire Júnior, Sinhô, José Francisco de Freitas e Eduardo Souto, no Rio de Janeiro. Estes foram seguidos por vários outros grandes compositores que dedicaram especial atenção às marchinhas, como a trinca de ouro formada por João de Barro (Braguinha), Ary Barroso e Lamartine Babo. Várias composições destes autores são obrigatórias em qualquer baile carnavalesco até hoje.

Nos anos 1950 inicia o que podemos entender como período de decadência das marchinhas, tornando-se escassos os grandes compositores voltados para esta forma musical. Contudo, o gênero resiste e não se pode dizer que tenha havido uma diminuição da importância da Marchinha nos bailes de carnaval. Ao contrário, atualmente multiplicam-se pelo Brasil os festivais

devotados a este gênero, realizados normalmente a poucas semanas do carnaval.

A literatura destaca a origem das marchinhas carnavalescas nas marchas portuguesas com as quais compartilham o compasso binário das marchas militares, “com o primeiro tempo fortemente acentuado” (Andrade, 1989). Quanto a esta origem, destaca-se o sucesso no Brasil de marchinhas portuguesas nas duas primeiras décadas do século XX, entre elas “Vassourinha” (1912) e “A Baratinha” (1917). Severiano e Mello (1997) descrevem a Marchinha brasileira como sendo “descendente da polca-marcha” e citam, além das raízes portuguesas, a influência de ritmos americanos, marcante após a Primeira Grande Guerra.

Esta origem já aponta, de certo modo, um caráter alegórico da Marchinha. Primeiro, por se apropriar de uma forma “oficial” de manifestação cultural – a Marcha Militar – compondo-a sob a influência de gêneros diversos. Também por remetê-la a temas do cotidiano, abordando-os de forma irônica, com um caráter de crítica social, seja o alvo a “cabeleira do Zezé”, seja o próprio Presidente Getúlio Vargas.

É importante sublinhar o potencial da Marchinha ganhar o gosto popular, a princípio em sua cidade de origem, para depois se difundir para diferentes pontos do território nacional. Isto se deve em grande parte às suas características de música e letra que favorecem a comunicação com seu público. Em primeiro lugar, por sua melodia simples, de fácil memorização, permitindo que as pessoas aprendam e cantem a marchinha muito facilmente. Também é notável a utilização do compasso binário da marcha, na medida em que este permite que se dance andando e se mostra, assim, uma forma plenamente adequada ao carnaval de rua (seria muito difícil deslocar-se em cortejo ao som de uma valsa, por exemplo).

O que se encontra no plano melódico tem correspondência nas letras das marchinhas. Com bom humor e irreverência, utilizando termos maliciosos e expressões de duplo sentido, este gênero tem na abordagem de temas do cotidiano a sua marca. Mesmo quando o alvo é a política, ela é escrita em minúsculo, destacando o efeito do que ocorre no nível do Estado e Governo no dia a dia das pessoas. A marcha de Haroldo Lobo e Mariano Pinto, de 1950, apropria-se do slogan de campanha de Getúlio Vargas, que retornava ao poder naquele ano, remetendo-o ao cotidiano de repartição pública:

*“Bota o retrato do velho outra vez
Bota no mesmo lugar.
Bota o retrato do velho outra vez,
Bota no mesmo lugar.
O sorriso do velhinho faz a gente
trabalhar (Bis)”*

*“Eu já botei o meu... E tu, não vais botar?
Já enfeitei o meu... E tu, vais enfeitar?
O sorriso do velhinho faz a gente se
animar (Bis)”*

Além disto, o humor das marchinhas incorpora o duplo sentido. Seu caráter polissêmico permite uma interpretação diversa da letra, a depender dos ouvintes e da situação. Assim, este gênero pode se adequar a vários contextos. Neles, cada qual constrói sua “marchinha particular” pelo sentido que atribui ao que ouve.

Por outro lado, a Marchinha não alcançaria o sucesso que teve sem sua difusão pelos meios de comunicação de massa; o disco, o rádio e, num segundo momento, o cinema (onde não podemos deixar de lembrar a inclusão de números musicais nas chanchadas da Atlântida). Maricenne Costa (2000) aponta duas marchas como pioneiras

no registro fonográfico: “A Bicharada” (marcha de autor anônimo, 1908) e “Ai Amor” (Freire Junior, 1921), sendo esta a primeira marchinha carnavalesca propriamente dita a ser gravada. A letra de “A Bicharada” já apresenta características que se mostrariam típicas no universo das marchinhas brasileiras: irreverência, malícia e uso de expressões de duplo sentido. Pretensamente falando sobre o jogo do bicho, a última estrofe da música exemplifica bem estas características:

*Uma cunhada que não tem marido
Já tem perdido muito cobre meu
Tem um bichinho que me dá socorro
É no cachorro que desforra o seu*

Podemos dizer, com relativa segurança, que a explicação para o sucesso deste gênero vai além da simplicidade melódica e harmônica. Na verdade, ao examinar as letras de diversas marchinhas carnavalescas percebemos um vigor que advém de sua ligação com o cotidiano. Também pelo fato de ali, mesmo que por inversão, encontrarmos frequentemente expressos os valores com os quais os grupos se representam. Representações sempre transitórias, como o são as identidades sempre refeitas. O carnaval e suas manifestações aparecem neste sentido como uma rebelião que reforça o sistema, ou seja, como uma zombaria que reafirma o sistema. (Gluckman, 1974).

Por outro lado, certamente simplicidade e ambiguidade são atributos que contribuem para a perenidade das marchinhas. Só assim é possível entender o sucesso ainda hoje de músicas como “A cabeleira do Zezé” que, em tom de brincadeira, se manifesta contra as mudanças de hábitos de parte da juventude na época - uma mudança da qual os cabelos compridos seriam emblemáticos.

Neste sentido, é importante se perguntar sobre a trajetória da Marchinha, quando esta deixa a capital da República para se entranhar por este Brasil afora. Buscamos, então, entender a Marchinha que se difunde por São Luiz do Paraitinga como manifestação cultural reterritorializada, no sentido que autores como Ortiz (1994) atribuem a este termo, ou seja, como um processo de resignificação, observável quando um produto cultural se inscreve num contexto diferente daquele que o criou.

A trajetória das marchinhas em nosso país apresenta três fases. Inicialmente, nas primeiras décadas do século XX, a produção e execução das marchinhas concentrava-se no Rio de Janeiro. Num momento seguinte, a difusão pelo rádio foi o principal fator responsável pela popularização da Marchinha em todo o território nacional. Atualmente, diversas cidades apresentam festivais pré-carnavalescos voltados exclusivamente às marchinhas. O Carnaval de Marchinhas de São Luiz do Paraitinga, no interior do Estado de São Paulo, inscreve-se nesse processo.

Uma das premissas deste trabalho é a de que, apesar da universalidade do gênero e da sua difusão por um território que quase chega a se confundir com o do próprio país, a Marchinha de Paraitinga é distinta, como devem ser as de outras cidades onde elas são compostas e executadas. Dito de outra maneira, a Marchinha, consideradas suas características, é gênero facilmente incorporável por diferentes contextos; contudo, sua apropriação trará as marcas próprias ao meio sociocultural em que ela se inscreve. ■

3. A MARCHINHA LUIZENSE

No que se refere à Marchinha luizense, um primeiro fator a ser considerado é que ela ocorre num meio fortemente marcado pela música. Em conversa com moradores desta cidade, é comum ouvir a afirmação orgulhosa de que “Paraitinga é musical o ano inteiro”. De fato, a maioria das festas em São Luiz tem na música o ponto alto, o que abrange um calendário vasto e distribuído ao longo do ano. Ali se destacam, além das marchinhas, a Folia de Reis, as Danças de São Gonçalo, a Congada e o Jongo (Durante e Correa, 2007).

Toda essa tradição musical levou São Luiz do Paraitinga a ser a cidade escolhida como sede da **Semana da Canção Brasileira**, evento que teve quatro edições anuais até 2011. Nas palavras de Suzana Salles, organizadora da primeira edição do evento:

[A cidade] é reconhecida no Vale do Paraíba como um grande celeiro de instrumentistas (...) Destaca-se no cenário nacional, também, pelo animado Carnaval que promove todos os anos, onde os luizenses compõem e celebram marchinhas próprias, cantadas a plenos pulmões pelas ruas enfeitadas (...) Desta capacidade de reinventar-se na criação e manutenção das tradições, a cidade surge como cenário ideal para a I Semana da Canção Brasileira. (Salles, 2007)

Relembrando a criação do Festival de Marchinhas, um de seus criadores menciona a proibição dos festejos carnavalescos na cidade durante a década de 1920. A ordem partiu de um padre recém transferido para Paraitinga. Afirmando ser o carnaval obra do diabo, o sacerdote ameaçava a população da cidade com o nascimento de chifres e rabo em quem se

aventurasse pelos festejos (Santarelli, 2008).

A proibição do carnaval luizense persistiu por décadas, período no qual o carnaval da cidade ficava restrito aos clubes. Restringia-se, assim, o público, uma vez que os bailes se dirigiam unicamente à juventude do lugar, deixando de fora as famílias. Durante esse período, imitando os carnavais do Rio de Janeiro e de São Paulo, a dança nos salões de Paraitinga era animada por sambas-enredo (Santarelli, 2008). Foi apenas no final da década de 1970 que alguns músicos locais animaram-se a fazer renascer o carnaval de rua na cidade.

Na década de 1980, os blocos de rua se popularizaram, superando um bloqueio que era também sócio-econômico, pois nem todos eram associados aos clubes. Nesta retomada do carnaval de rua, gradativamente o Samba é deixado de lado e se elege a Marchinha como marca do carnaval de rua da cidade. Esta foi oficializada pela Prefeitura Municipal de São Luiz do Paraitinga, por meio de decreto que proíbe a execução de outros tipos de música, como o Samba ou o Axé, no carnaval de rua luizense. Não deixa de ser uma ironia: troca-se uma proibição (a do carnaval de rua) por outra (a dos outros tipos de música que não a Marchinha).

Os moradores dizem que as primeiras manifestações (a “retomada da rua”, por assim dizer) começaram a ser feitas nos bares da cidade, onde se reuniam moradores, compositores e grupos musicais locais. Nessas reuniões, começaram a surgir as marchinhas carnavalescas locais, que passaram a fazer parte do repertório também dos bailes feitos nos clubes. (...) Aos poucos, o Samba foi saindo do cenário e abriu espaço para a consolidação da

Marchinha - que, segundo os moradores, é o ritmo “autêntico” do carnaval luizense (Santarelli, 2008).

Um dado característico do carnaval de Paraitinga é a incorporação de elementos da cultura local na realização da festa. Um dos exemplos é o uso de “bonecos” pelos blocos carnavalescos: **“Há mais de um século que a apresentação do Casal de Gigantes (Bonecos) “João Paulino e Maria Angu” vem se repetindo nas festas religiosas e profanas da cidade”**¹ Os nomes se referem ao criador dos bonecos (utilizados, a princípio, nas Festas do Divino) e à sua mulher, que vendia pastéis de angú, um prato típico da culinária local.

No carnaval,

(...) eles começaram a ser confeccionados aos poucos. Algumas pessoas faziam máscaras e depois começaram a fazer os “cabeções” até chegarem nos tradicionais “bonecos gigantões”. Eles foram criados por artistas plásticos da cidade que queriam valorizar o artesanato local ao mesmo tempo em que representavam as lendas que mexiam com o imaginário do luizense. Essas lendas eram, em sua maioria, de cunho religioso. O objetivo desses bonecos, assim como todo o carnaval, era dar uma resposta ao padre que dizia que nasceria rabo e chifre nos foliões da cidade. (Santarelli, 2008: 32)

[1] <http://www.saoluizdoparaitinga.sp.gov.br/site/cidade/manifestacoes-culturais/>

As marchinhas compostas em Paraitinga atêm-se às características básicas das marchinhas tradicionais, ao bom humor e à irreverência próprios ao carnaval. No entanto, elas se enraizam no novo território e desta reterritorialização advém o que pode ser tomado como sua originalidade, quando incorporam, nas letras, nos arranjos e melodias, uma maneira própria de se fazer o carnaval.

A letra da marchinha “Dona Maria”² serve de exemplo desta aproximação dos universos culturais midiático e local. Na composição de André Frade, Robertinho Bombril e Luiz Egydio, gravada pelo grupo Paranga, o cardápio típico de São Luiz do Paraitinga é apresentado. O folião pergunta a Dona Maria “o que é que tem pro carnaval”? Em resposta pode se ouvir: “Tem canjiquinha, afogado, abobrinha com quiabo, ovo frito bem passado e uma pinga do seu lado” (Paranga, 1983). Mas a marca local não se restringe a este exemplo; estende-se ao conjunto do desfile dos blocos carnavalescos, animados por marchinhas em que são recorrentes as citações a moradores locais e suas histórias. Não por coincidência, muitos blocos são batizados com o nome destes personagens do folclore local (Juca Teles, Barbosa, entre outros), comprovando assim o fenômeno da apropriação local, que poderia ser entendida como releitura, da manifestação universalizada graças aos meios de comunicação.

[2] Uma boa amostra da produção musical da cidade pode ser conferida no cd “Outros Carnavais”, de Galvão Frade, um dos mais profícuos e significativos compositores de marchinhas de São Luiz do Paraitinga na atualidade (FRADE, 2007).

Finalizando este tópico, é importante ressaltar o esforço do poder público municipal para incentivar a criação de marchinhas “com identidade luizense”. O fato não é novo: reproduz o que aconteceu em grande medida com as escolas de samba cariocas na década de 1970, quando foram convocadas pelo regime militar para a construção de uma “identidade nacional”. Por sinal, essa representação de brasilidade não foi estimulada somente no contexto carnavalesco; também aparecia na produção cinematográfica dominante no período, na televisão e nos vários segmentos de manifestação artística. Em que pese a diferença de contexto, podemos identificar um processo análogo em Paraitinga. Em grande medida, a partir da década de 1980 caberá à marchinha “tipicamente luizense” representar o que é “próprio” da cidade e seu povo, compondo com outras manifestações - Festa do Divino, boneções, afogado, entre outros - um conjunto de bens de cultura que serve como emblema da cidade. Deste conjunto a Marchinha constitui um caso especial, na medida em que representa um modo particular de se apropriar do que é divulgado pela indústria cultural. Noutros termos, há o deslocamento de referentes quando a Marchinha se inscreve no contexto cultural de São Luiz do Paraitinga. A ligação com o cotidiano, próprio a este gênero carnavalesco, permite que se incorpore o que é típico daquele lugar; que a Marchinha, nascida carioca, apresente-se como luizense.

Há ainda um ponto a se ressaltar. Os símbolos de nossa cultura, na culinária, na música, no cinema, entre outros, foram promovidos num contexto em que se enfatizava seu papel político na constituição de uma unidade nacional. Em Paraitinga, ocorre o contrário: o “típico” serve para alimentar a indústria do turismo, que vê crescer sua importância na economia do município. ■

4. O FESTIVAL DE MARCHINHAS

Em 1981, por iniciativa de um grupo de músicos jovens ligados ao poder público, tem início o Carnaval de Marchinhas (Mikilin, 2010). Desde então, o Festival é realizado anualmente; uma série que só veio a ser interrompida com a enchente de 2010, que destruiu boa parte da cidade e levou à decretação do estado de calamidade pública pela Prefeitura. Ao longo destas três décadas, inscreveram-se para a competição cerca de 1800 marchinhas, não só de músicos locais, mas também das cidades de seu entorno e mesmo dos grandes centros, na medida em que se amplia a divulgação do evento.

O Festival de Marchinhas marca-se, entre outros, por um certo ufanismo não só dos moradores de Paraitinga, como também daqueles que habitam os municípios vizinhos. Seu palco é o coreto localizado na praça em frente à Igreja Matriz São Luis Tolosa, no centro da cidade. À sua volta pudemos observar um território dividido entre torcidas de várias cidades do Vale do Paraíba que vêm prestigiar seus músicos.

Um dos aspectos revelados por esta “guerra de torcidas” é o alcance que o festival conquistou na Região, tendendo a atingir uma escala maior. Contudo, ao que tudo indica, este processo comporta diferentes fases. Uma primeira, que pode ser caracterizada como local, em que o carnaval era produzido e brincado como manifestação exclusivamente luizense. Abre-se em seguida um novo momento (na realidade, uma extensão do anterior), quando o evento local vai gradativamente ampliando sua escala, atraindo moradores e músicos das cidades vizinhas. Nesta etapa, vale sublinhar a incorporação do Festival no calendário turístico da cidade, o que faz estender sua divulgação junto a

grandes centros. A terceira etapa sucede a enchente de 2010 e coloca a pergunta sobre os destinos do festival.

Já em 2009, ano imediatamente anterior à enchente, consta a contratação de blocos carnavalescos luizenses para animar o carnaval em outras cidades do Vale do Paraíba, como na programação “São Luiz em São José”, organizada pelo SESC de São José dos Campos. No mesmo ano desta programação do SESC SJC, os músicos luizenses dividem sua participação no Festival de Marchinhas com colegas valeparaibanos e mesmo de outras regiões. Em 2009, 20 músicas foram escolhidas para a final: 9 de Paraitinga, 8 de compositores de cidades vizinhas, 2 da Capital e um de Itatiba (interior de São Paulo).

Uma consequência previsível do crescimento do carnaval luizense e da repercussão obtida por seu festival é sua incorporação no calendário turístico da cidade. Isto acaba por impulsionar o crescimento do público da festa, a ponto de criar problemas de estrutura.

É interessante observar: nos cortejos de rua do carnaval luizense, cada bloco tem seu horário estabelecido para saída. Em primeira análise, este fato pode ser entendido como efeito de uma excelente organização municipal. A verdade, no entanto, pode ser mais prosaica: o fato é que uma boa parte dos músicos (e foliões) luizenses participam de vários dos blocos. Assim, o turista “desavisado”, que fica tomando sua cerveja enquanto observa o cortejo, pode ter a impressão de que o número de participantes efetivos é muito maior que o real. Essa “multiplicação de foliões” certamente acaba por gerar o efeito cascata observado nos anos 2000: a multiplicação (bem real) do número de turistas que vem “engrossar os cordões luizenses”. Este aumento de público, aliado

à falta de infra-estrutura adequada para receber e alojar os foliões, começou a gerar problemas como a falta de vagas para estacionamento no centro da cidade. Em 2008, instituiu-se em SLP o estacionamento pago, na rua, para veículos de outras cidades. A “diária” de R\$30 para estacionamento na rua durante o período carnavalesco não foi suficiente para limitar o aumento do número de foliões e, no carnaval de 2009, chegou a faltar água na cidade, com a administração municipal desencorajando publicamente a vinda de mais turistas à cidade. ■

5. CONSOLIDAÇÃO E EXPANSÃO DA MARCHINHA CAIPIRA

O esvaziamento do ciclo cafeeiro na região levou à decadência econômica de Paraitinga. Dos tempos áureos do café, restou no município um rico patrimônio arquitetônico³ que, somado às manifestações culturais, é apropriado pela atividade turística, que passa a ocupar lugar central na economia local ao final do século XX (Santos e Paes-Luchiari, 2007). Por sua vez, a movimentação em torno da atividade turística assume uma importância que transcende a economia. O turismo trouxe consigo uma valorização da cultura caipira, afastando o estigma anterior:

A cultura local hoje é vista como um dos trunfos no momento de atrair turistas, principalmente durante o Carnaval e a Festa do Divino Espírito Santo. Uma cultura que sempre foi tratada pejorativamente, com a valorização do pitoresco, do peculiar, um estilo de vida tido como inferior passou a ser exaltado e visto como um verdadeiro *modus vivendi*, que deve ser mantido. Agora todos devem ter orgulho de ser caipira, o que era impensável há 30 anos atrás, pois o caipira significava um retrocesso social para o Brasil, materializado na imagem estigmatizada do *Jeca Tatu* do romancista Monteiro Lobato. (Santos; Paes-Luchiari, 2007)

Chamamos a atenção para o fato de que a valorização da cultura caipira não valeu apenas para Paraitinga. Talvez por concentrar a maior parte da atividade turística no Vale do Paraíba, a cidade abrigou num primeiro momento a produção que se

[3] O centro do município foi tombado pelo Condephaat em 1982 e pelo Iphan em 2010.

realizava em outras cidades da região. Contudo, em anos posteriores, percebe-se a fórmula ali explorada repetindo-se em outros municípios valeparaibanos:

Outras cidades do Vale, a exemplo de São Luís, estão tentando também recuperar algumas tradições dos antigos carnavais de rua, realizando concursos de festivais de marchinhas.

Em Ubatuba, acontece as eliminatórias das músicas do III Festival de Marchinhas nos dias 26 e 27, a partir das 20 hs no coreto da Praça Exaltação da Santa Cruz, em frente à Igreja Matriz. A finalíssima será na sexta-feira, 1, primeiro dia do carnaval.

Em Quiririm, também ocorrerá o II Festival de Marchinhas com as eliminatórias acontecendo nos dias 25, 26 e 27 de janeiro. Se depender da animação de Elisa, que abriu o salão de seu restaurante para a confecção das cartolas e dos chapéus coloridos das torcidas organizadas, o sucesso já está garantido.

Tudo indica que as marchinhas vieram para ficar, alegrando os que curtem o carnaval de rua com canções de letra simples, repletas de trocadilhos picantes e rimas que falam do cotidiano local e regional.

(Vianna, 2008)

Um momento crítico da realização do festival de Paraitinga, como já dissemos, ocorreu em 2010. A enchente logo após o *réveillon* daquele ano levou ao cancelamento do carnaval na cidade. Em resposta, blocos carnavalescos da cidade ampliaram sua participação no carnaval de outras cidades. Neste processo, o carnaval luizense chegou inclusive à Capital, com a realização do 25º Festival de Marchinhas de São Luiz do Paraitinga no SESC-Pompéia.

Contudo, se a realização do festival em São Paulo aponta para a valorização da produção artística da cidade e seu carnaval, ali também se manifesta uma tendência no sentido da diminuição na participação de músicos valeparaibanos no evento. Das 20 finalistas, o Vale do Paraíba fazia-se representar exclusivamente por luizenses, 13 no total. As outras 7 classificadas eram de compositores paulistanos (4), além das que vinham do Rio de Janeiro, de Brasília e de Campinas, cada uma destas cidades representada por uma marchinha.

Aparentemente, constituem-se novas tendências na realização deste festival. Se, no período que antecede a catástrofe de 2010 e sua realização em São Paulo, parecia que o festival se encaminhava para o seu enraizamento no contexto valeparaibano (a programação “São Luiz em São José” aponta neste sentido), no momento atual parecem se mesclar dois movimentos. Um na direção de um maior fechamento em torno dos músicos luizenses. Talvez explicação para tanto se encontre num fortalecimento de eventos semelhantes na região; o que poderia levar seus músicos a optarem pela participação em suas próprias cidades. De outra parte, a presença de músicos de cidades como São Paulo, Brasília, Campinas e mesmo do Rio de Janeiro (o “berço” da Marchinha) contradiz esta tendência, quando sinaliza um crescimento do prestígio do carnaval luizense naquele espaço que se articula pela intervenção dos meios de comunicação de massa.

Seria prematuro qualquer prognóstico relativo ao carnaval de São Luiz do Paraitinga e da região do Vale do Paraíba. A cidade mal se recuperou da catástrofe de 2010. Todavia, os mais de 30 anos do carnaval luizense permitiram que se consolidasse uma marchinha com

sotaque interiorano. Esta se irradiou para outras cidades da região e, quase simultaneamente, ganhou legitimidade junto aos grandes centros. Não é pouco para quem só queria desafiar o padre. Nisto, os músicos luizenses foram ajudados pela própria característica da Marchinha, que sempre mirou fatos e comportamentos do cotidiano. Bastava somente adaptar-se ao novo contexto. ■

CONDIDERAÇÕES FINAIS

O que nos chama a atenção nas marchinhas é sua estreita ligação com o cotidiano. Há exceções, é verdade, mas parece que a Marchinha se manteve mais próxima daquele espírito carnavalesco, em que, de forma lúdica e com ironia, faz sua crítica ao comportamento de atores significativos no plano político e social. Ela pode assumir grande importância naqueles períodos em que há perturbações no cotidiano; particularmente durante processos de mudança social.

As marchinhas dos anos 1960' são um bom exemplo. Seu potencial crítico é dirigido aos comportamentos que são novidade numa sociedade que "se moderniza". As letras se referem, entre outros, aos cabelos longos ou ao uso do monoquíni, como era chamado o *topless* proibido pelo Presidente Jânio Quadros. A Marchinha não escapa, nestes casos, a uma postura mais conservadora. Em São Luiz do Paraitinga talvez se possa dizer que o mote é outro. A cidade vinha de um longo período de decadência econômica, quando encontrou em atividades como o turismo uma saída para a reativação de sua economia. Um caminho, podemos dizer, que conduz à ruptura de laços mais "tradicionais" entre os habitantes do lugar, que contraem novas relações econômicas e testemunham a modificação dos antigos espaços de sociabilidade. Chegam à cidade novos hábitos e novas informações. Vale mencionar o processo de urbanização que, nesta cidade, se processou em ritmo acelerado, sem que houvesse uma variação significativa em sua população, conduzindo à hipótese de que o crescimento dos moradores da zona urbana se deu pelo esvaziamento da rural. Assim, a população da cidade oscilou entre 9.743, no ano de 1980, a 10.479, em 2005, caindo a 10.397,

em 2010⁴. No mesmo período, o grau de urbanização passou de 40,52% (1980) a 59,44% (2010), sempre num ritmo crescente.

Quisemos apontar neste trabalho a migração para o contexto urbano de valores e práticas próprias ao meio rural, uma possibilidade aberta por um carnaval que se institucionaliza com a rejeição ao samba e ao axé, então dominantes nos grandes meios de comunicação. A valorização da Marchinha, por suas características e, inclusive, por se afastar de modelos impostos pela indústria cultural, permite a aproximação entre universos culturais antes tão afastados. O “caipira” que se urbaniza encontra neste gênero carnavalesco a oportunidade de se expressar e mesmo de valorizar sua cultura. Ela vai, por exemplo, introduzir a canjiquinha na culinária da festa (algo que até pouco tempo poderíamos considerar tão estranho quanto a mistura de coca-cola com vatapá ou chiclete com banana).

Paraitinga é, neste sentido, pioneira na apropriação de um formato de carnaval, resignificando-o para delimitar fronteiras entre a cultura local e suas manifestações artísticas e aquela que aporta nas pequenas cidades do Vale do Paraíba, pelas ondas do rádio e televisão. Melhor dizendo, o que se observa ali se coloca para além da reprodução de um gênero carnavalesco. Este se reterritorializa, reafirmando elementos de uma cultura ameaçada pelas transformações de seu meio.

É um ânimo em grande medida nostálgico, que se combina com a alegria da festa; uma ambiguidade bem própria da Marchinha. A fórmula do carnaval luizense tende, deste modo, a se estender as pequenas cidades à sua volta. Cidades que vivem situações semelhantes de busca da valorização do caipira. ■

“A valorização da Marchinha, por suas características e, inclusive, por se afastar de modelos impostos pela indústria cultural, permite a aproximação entre universos culturais antes tão afastados.”

[ANTONIO CARLOS M. GUIMARÃES]

Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (1980), mestrado em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (1985) e doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2001). Atualmente é professor / pesquisador da Universidade do Vale do Paraíba, onde coordenou o Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional (2007-9).

[PAULO ROXO BARJA]

Físico (UNICAMP) e músico (Lavignac); fez pós-doutorado na ESALq/USP (2000/2001), é doutor em Ciências pela UNICAMP (2000) e mestre em Física (UNICAMP, 1996). Desde fev/2002 é Professor da Universidade do Vale do Paraíba.

[4] Fonte: Fundação Seade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, M. 1989. Dicionário Musical Brasileiro. Belo Horizonte; São Paulo, Ed.Itatiaia; EDUSP, 307 p.

CASCUDO, L.C. 1988. Dicionário do Folclore Brasileiro. Belo Horizonte; São Paulo, Ed.Itatiaia; EDUSP, 474 p.

COSTA, M. 1999. Como tem passado!! São Paulo, gravadora Eldorado, 1 CD, (faixas 05 e 10).

DURANTE, H.; CORREA, L. 2007. De São Luiz a São Luís. São Paulo, Associação Cultural Cachuera!, 80p.

FRADE, G. 2007. Outros carnavais. São Luiz do Paraitinga, independente, 1 CD.

GLUCKMAN, M. 1974. Rituais de rebelião no sudeste da África. Brasília, Editora da UNB, 42 p. (Cadernos de Antropologia, nº 4)

MIKILIN, Z. 2010. Histórico do carnaval. Disponível em: <http://www.paraitinga.com.br/slparaitinga/Carnaval/Fique_por_Dentro/411/Hist%C3%B3rico%20do%20Carnaval> Acesso em: 09 julho 2010.

ORTIZ, R. 1994. Mundialização e cultura. São Paulo, Editora Brasiliense, 234 p.

PARANGA. 1983. Porque hoje é carnaval. São Luiz do Paraitinga, independente, 1 CD. (faixa 1).

SALLES, S. 2007. A Semana: apresentação. In: Semana da Canção Brasileira, I, São Luiz do Paraitinga, 2007. [Anais eletrônico...]. Disponível em: <<http://www.semanadacancao.com.br/edicao1/>> Acessado em: junho 2013.

SANTARELLI, B. S. 2008. Os impactos sócio-culturais do turismo de massa no carnaval de São Luiz do Paraitinga. Trabalho de Graduação (Turismo), Campus Experimental de Rosana, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rosana, 47p.

SANTOS, C. M. P.; PAES-LUCHIARI, M. T. D. 2007. A espetacularização do patrimônio cultural de São Luiz do Paraitinga-SP. Vitruvius, Arquitextos, São Paulo, 08.088. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.088/214>>. Acessado em: 25 jan 2013.

SEVERIANO, J.; MELLO, Z. H. 1997. A Canção no Tempo: 85 anos de músicas brasileiras. v.1: 1901/1957, São Paulo, Ed. 34, 368p.

VIANNA, A. L. A 2008. Volta dos carnavais de rua. Jornal Contato, 349, 25 jan/1 fev. Disponível em: <<http://www.jornalcontato.com.br/349/ESPECIAL/MATERIA6.HTM>> Acessado em: 23 out. 2012.